

As Jóias da Coroa, de Raul Pompéia

Fonte:

POMPÉIA, Raul. As Jóias da Coroa. 1ª ed. São Paulo: Nova Alexandria, 1997.

Texto proveniente de:

A Biblioteca Virtual do Estudante Brasileiro <<http://www.bibvirt.futuro.usp.br>>

A Escola do Futuro da Universidade de São Paulo

Permitido o uso apenas para fins educacionais.

Texto-base digitalizado por:

Voluntário que deseja permanecer incógnito

Este material pode ser redistribuído livremente, desde que não seja alterado, e que as informações acima sejam mantidas. Para maiores informações, escreva para <bibvirt@futuro.usp.br>.

Estamos em busca de patrocinadores e voluntários para nos ajudar a manter este projeto. Se você quer ajudar de alguma forma, mande um e-mail para <bibvirt@futuro.usp.br> e saiba como isso é possível.

AS JÓIAS DA COROA RAUL POMPÉIA

Capítulo I

— Ah, ah! Ah, ah!... É o que você pensa. Ninguém se arroja a uma empresa destas, sem saber o terreno em que vai pisar. Eu sou um jogador que sempre conhece as cartas de que dispõe e as do seu adversário... É o que faltava... Um homem habituado às dificuldades de todas as empresas *espinhosas* ...

— É exato, o senhor tem dado provas do que é capaz... aquele escandalozinho da rua... que se abafou tão bem, aquela caçada da Milica... Sem a sua habilidade as coisas não iriam tão macias, mas...

— Mas... que?! Pois você quer pôr em dúvida a minha confiança?! Garanto-lhe que o negócio não trará compromisso a ninguém... Você já tem cinco anos de serviço, tem garantias... Cá para mim, provoço os céus e a terra a virem estremecer a minha influência neste paraíso de bambus...

— É exato, *ele* precisa do senhor... quem ficará mal hei de ser eu. Se vou para a rua sem mais nem menos...

— Se é este o seu receio, eu o tranquilizo... Assino, se você quiser, um papel de dívida, comprometendo-me a dar a mesma recompensa, seja qual for o resultado no negócio... Ora, imagine que nos venha daí um bolo de 600 contos... Dar-lhe-ia boa porção. Todos lucraremos maravilhosamente... Se não conseguirmos nada, ainda assim você estará perfeitamente, porque, se a coisa for impossível, não ficarão vestígios da tentativa, e, se formos surpreendidos... Não! Não seremos! O êxito é certo... As jóias do duque estão depositadas numa sala grande do lance esquerdo do palácio, num armário envidraçado. Se você continua teimando em não querer...

— Teimar não! eu estou apresentando dúvidas, porque ninguém deve...

— Não quero saber de doutrinas. Aceita ou não aceita? Responda já, sem muitas histórias... Está caindo a noite... Ou fazemos hoje ou nunca! Amanhã podem ter sido retiradas as jóias. Vamos deixar fugir a mais risonha fortuna... É impossível... Se você não aceita meu convite para acompanhar-me, eu irei só...

— Realmente não há muito tempo para reflexões e o negócio convida...

— Então?... O que decide?...

— Eu... Eu...

— Vamos!...

— Aceito, aceito.

— Ora graças! É preciso ser-se bastante idiota para hesitar tanto num caso destes. Ter nas mãos uma riqueza e temer perigos... Ora, Inácio, você não merece a sorte que lhe está reservada...

— Ainda veremos, sr. Pavia...

Esta conversa se travara no interior da vasta quinta do duque de Bragantina.

Um dos interlocutores era um indivíduo todo de branco, baixote, gordo, peludo na cara como um cachorro d'água, de fisionomia um tanto indistinta naquela hora, que ia adiantando o crepúsculo e os objetos começavam a esfuminhar-se na uniformidade da noite.

A pessoa com quem ele falava era um sujeito em mangas de camisa, fino, comprido, teso como um soldado, de cara rapada, olhar habitualmente baixo e movimentos receosos, denunciando que todo aquele retesamento era teatral; aquela espinha, tão enrijada para trás, caía muitas vezes para a frente em profundas continências, e aqueles ombros, que pareciam feitos para dragonas, apenas carregavam librés.

Este indivíduo era um criado, evidentemente; o outro, saberemos em breve quem era.

Os dois conversavam sobre um negócio importantíssimo. Tratava-se de adquirir da noite para o dia uma enorme fortuna. Um *simile* da sorte grande de jogatina legal.

Achavam-se ao portão de uma espécie de jardim sem cultivo, no fundo do qual elevava-se uma boa casa, através de cujas venezianas se distinguia a claridade das luzes que se acendiam lá dentro por causa da hora.

— Posso, pois, contar com seu auxílio? — perguntou o homem de branco ao criado.

— Sim, senhor. Desde que o senhor nada teme, eu também nada quero nada temer...

— Muito bem! Isto é o que se exige. Tenha confiança em mim e ajude-me que teremos sucesso...

— Mas diga-me primeiro o que devo fazer...

— Precisamos conversar...

— Preciso de ordens...

— Mas está serenando aqui... entremos para casa...

Pavia e Inácio atravessaram o jardim na direção da casa. Subiram os quatorze degraus de uma escada dupla, que levava à porta da entrada, e desapareceram no vão escuro que a porta fazia.

A noite caía.

A quinta do duque passara insensivelmente das vacilações do crepúsculo para as trevas decididas das sete horas de um dia curto.

As moitas de bambus condensavam-se em amontoados impenetráveis de escuridão; os gramados do parque alargavam-se, confundindo-se com as alamedas de areia numa vasta toalha de crepe; para longe, recortavam-se as montanhas negras. Dir-se-ia que a natureza acabava de cobrir-se de ltuosos merinós, se não fosse o cetim azulado do firmamento, e se não chovesse o riso das estrelas.

Entretanto, reinava movimento no meio da noite. Os numerosos habitantes da quinta do duque, lacaios e protegidos, recolhiam-se naquela ocasião às suas habitações agrupadas em aldeia, nos fundos do palácio. Consumiam a última atividade do diário, preparando-se para o repouso confortante da noite. Na massa de habitações acumuladas ao norte do parque, que fundiam-se com a noite, começavam a aparecer pontos luminosos. Era a candeia de um sótão, o bico de gás de uma sala de jantar ou a vela de um quartinho.

Quando acabaram de acender-se as luzes também o movimento cessou. Principiaram-se os serões.

Levemos o leitor a um deles.

Uma rua, ou melhor, um estreitíssimo beco, esmagado entre duas paredes crivadas de janelas iluminadas ou não, é o caminho que conduz ao coração desse povoado da quinta.

No extremo dessa viela úmida e escura está uma porta aberta. Entremos...

É uma sala miserável, pobremente mobiliada. Das paredes caem flâmulas de papel descolado e no meio da casa gemem míseros trastes, sobrecarregados de ninharias. Pelas mesas há vasos de fantasia arabescados de rachas e esfoladuras sobre uns tapetes de lã felpudos e muito anchos; pelas cadeiras, retalhos de pano e objetos de costura.

A um canto, conversam baixinho um velho e uma velha. Estão sentados em cadeiras, ao lado de uma pequena mesa. Sobre a mesa há uma vela que bate-lhes no rosto e clareia a toda a luz as rugas das duas fisionomias.

Trocam vivamente palavras.

O velho, com dedo médio unido ao polegar, como apertando uma pitada, faz gestos de quem sabe o que diz, e a velha encara-o através de uns grandes óculos de aros pretos, aprovando com a cabeça, e fala de vez em quando, agitando a agulha que tem na destra e a costura que sustenta na mão esquerda.

Em outro lado da sala vê-se, toda encurvada sobre si uma mocinha. Acha-se sobre um banco com os joelhos cruzados, repuxando-lhe muito o vestido que comprime-lhe as formas. Dedilha febrilmente um *cabo de crochet* de osso branco. De tempos a tempos levanta o rosto com os olhos semicerrados e sacode para trás a vasta cabeleira negra e esparsa, que quer escorregar-lhe para o *crochet*.

É uma formosa criaturinha, feições de criança, ar distraído, um tanto carnuda sob uma epiderme sem irritações. Parece não ter quatorze anos ainda e podia usar vestido curto.

Eis mais ou menos o que diziam os velhos:

— Sim, sim, - falava o marido —, é preciso garantirmos o futuro daquela menina. Se não aceitássemos os oferecimentos do Pavia cometeríamos um crime.

— Um verdadeiro crime — afirmou a velha.

— Por um tolo escrúpulo não se há de perder um bom dinheiro...

— Tão bom dinheiro... — reforçou a velha, batendo com a cabeça.

— Demais, o lucro não será só para nossa afilhada, o nosso netinho terá o seu quinhão...

— Sim senhor... Sim senhor...

— Já vê que fiz bem em responder ao Pavia que sim...

— Muito bem. A nossa afilhada assim terá um futuro garantido. A proteção do sr. Duque não é qualquer coisa... Ah! quem me dera que eu ainda fosse fresquinha como antigamente...

Capítulo II

O velho não deu atenção ao honesto suspiro da digna esposa; ficou por alguns segundos remexendo o queixo escalavrado pelos anos e salpicado de raros fios de barba retorcida e branca. Os olhinhos castanhos piscavam-lhe vivamente, testemunhando o *fervet opus* de raciocínios que trabalhavam naquele crânio de setenta anos.

Depois, a fim de reatar a conversação, voltou-se para a velha:

— Não acha?... Demais, a gratidão nos obriga... Por nosso filho ter sido empregado do duque, não se pode dizer que este tenha o dever de nos dar casa e alimento até o fim da vida... Os favores escravizam um pouco a gente... E de que se trata? Não há nenhum sacrifício... É só vencer um escrúpulo... Isto para nós... A idiota da nora não tem energia para se opor, nem entenderá o riscado. Quanto à menina...

— Fale baixo... ela pode estar escutando e não há necessidade... Olhe que noite bonita! Veja ali pela janela...

— Como está estrelado o céu!... E está fresco... parece que o mau tempo acabou... Quanto à menina... O que vai sofrer?... As doces torturas que nós sabemos e depois levar a vida tranqüila de quem tem certeza de ser amparada em qualquer dia de necessidade... Suponho que as grandes chuvas, que tanto nos têm incomodado, cessaram de uma vez... Ela vai morar com o Pavia algum tempo, diverte-se, sai a passeio com a gente dele, vai ao teatro, coisa que ela nunca provou... Um belo dia, quando estiver sonhando alegrias nos cômodos agasalhos que lhe reserva o Manuel de Pavia, será visitada por uma *sombra*... Conversarão durante várias entrevistas, etc, etc. Há de ser bonito... garanto que a Conceição não chorará.

— O que é que tem a Conceição? — gritou a voz fina e esperta da mocinha que fazia *crochet*, sentada no banco. — Vovô agora anda só falando em mim... Eu estou aqui afastada por causa do fresco que vem da porta, mas... estou ouvindo, estou ouvindo...

— Nem há segredo, minha filha. Estou falando em você mesma... É tempo de pensar no seu futuro...

— Aposto que quer me casar!

— Eu e a Dindinha estamos muito velhos...

— Com quem vão me casar?

— Sua mãe vive tão prostrada... sempre naquela tristeza...

— Digam, digam quem vai ser meu marido... Olhem que eu quero um marido rico e bonito...

O vovô tossia uma risada tratante de quem não sabe o que há de dizer...

A Dindinha olhava por cima dos óculos para o marido, a ver como ele saía da alhada.

O velho achou um recurso. Meteu a mão no bolso do paletó de brim pardo e puxou um vasto lenço de rapé, com que assoou-se demoradamente...

— Ah! ainda não há noivo? Valha-me isso. Eu não tenho muito jeito para andar de braço com um maridinho... Gosto mais de pular corda... Vovô, uma moça casada pode pular na corda?... Dindinha pulava?

— Menina, não faça perguntas desaforadas à sua madrinha...

— Menina? Eu já não sou menina... Vovô já não está preparando meu casamento?

— Quem falou em casamento, Conceição? — perguntou o avô.

— Vovô mesmo!... Quem foi que disse, outro dia, que o melhor futuro de uma moça era um bom

casamento?... Vovô não está tratando do meu futuro?

— Sim, do seu futuro, mas não é já de seu casamento... O sr. Manuel de Pavia disse-me que a mulher dele gostava muito de você e perguntou-nos por que não deixávamos você passar alguns dias com ela...

— Vovô deixa?

— Você quer?...

— Oh! se quero... também eu brinco tanto com a Claudina no parque... Não sei por que não poderei passar uns dias com a mãe dela...

— Pois disto é que eu falo... Se você alguma vez precisar... diga-me... não será muito bom que um homem como o sr. Pavia... goste de você?...

— Mas para que estar pensando nessas coisas...

— É preciso pensar no futuro...

— Dindinha deixa-me?...

— Deixo, deixo... Por minha parte, não ponho dúvidas. Até se você quisesse morar lá...

— Isso não! Gertrudes, a minha licença não vai tão longe... Consinto só que Conceição passe lá alguns dias, para não contrariar a vontade da mulher do Pavia, que é tão boa senhora e tão amiga de beneficiar os que gostam dela...

— Então amanhã...- disse sorrindo engraçadamente Conceição —, amanhã...

— Sim, menina, amanhã você pode ir visitar a sua amiga Claudina...

Conceição, que deixara o banquinho, aproximou-se da madrinha e, mostrando o seu trabalho de *crochet*, disse:

— Veja, Dindinha, quanto trabalhei hoje, depois do jantar...

— Sim, senhora, hoje sim!... Tem bastante direito de ir passear amanhã...

— E noite, Dindinha, que eu na casa do sr. Pavia hei de fazer *crochet*... não sou nenhuma preguiçosa...

— É assim que se deve ser... — falou sentenciosamente o marido de Gertrudes.

Terminado este diálogo, apareceu na sala uma mulher alta, de vestidos sujos, cara chupada, olhar doentio e triste. Era a nora dos dois velhos protegidos do duque de Bragantina. Fora casada com um dos numerosos homens do serviço do duque. Morrendo-lhe o marido, continuara na quinta, na residência que fora cedida ao marido. Era ela que provia as necessidades domésticas: cuidava atentamente de um filho, que lhe deixara o esposo, e de Conceição, pobre menina de origem suspeita que, havia muitos anos, fora confiada sem mais declarações àquele servidor do duque.

Naquela ocasião, a laboriosa mulher vinha convidar os sogros e Conceição para o chá que estava servindo.

Conceição, muito satisfeita pela permissão alcançada de passar dias fora de casa, correu diligentemente a fechar a janela e a porta da sala, indo em seguida oferecer o ombro para apoio do avô, que se erguia dificilmente da sua velha poltrona, ajudado pelos inválidos esforços da idosa Gertrudes e de uma veneranda bengala.

Instantes depois, estava toda a família instalada na pequena sala de jantar circulando a mesa de refeições.

Por esse tempo terminara o conciliábulo havido entre Inácio, criado do duque de Bragantina, e o interessante Manuel de Pavia.

O criado se fora da residência de Pavia, e este, um quarto de hora depois, saiu de casa também.

As noites escuras foram feitas para as empresas secretas. Pavia passeou um olhar em torno de si e sorriu. Aquela escuridão convinha extraordinariamente. Pena era que não se enfarruscasse o firmamento com os mais tempestuosos vapores e se fizesse mais absoluta a treva...

Mas aquilo já servia...

Encaminhou-se para a esquerda, olhando para o céu, como se contasse os astros. Soube-lhe gostosamente aquela contemplação. As profundidades siderais apareceram-lhe na imaginação como uma grande bolsa aberta para baixo a vazar tesouros.

As estrelas eram-lhe como uma chuva de pedras preciosas suspensas sobre a cabeça. Tudo aquilo, cintilante, prometedor, parecia destacar-se do infinito e cair para ele como a lúcida poeira das apoteoses.

E cada vez mais a imaginação fugia-lhe doida, para os espaços, ávida de brilhantes, sedenta de douradas orgias.

Assim meditando, chegou Pavia ao lugar onde se achavam acumuladas as habitações dos povoadores da quinta.

À entrada do beco estreito, de que temos falado ao leitor, o nosso personagem parou. Espiou. A porta dos velhos estava fechada. Naquela ocasião, ninguém havia pelo sítio; o beco estava escuríssimo. A luz das janelas iluminadas não descia até o chão. Pavia meteu-se no beco e foi cautelosamente colocar-se à porta da morada dos velhos.

Escutou à fechadura. Na casa, não havia rumor notável. Percebia-se apenas um sussuro afastado de vozes e certo barulho de talheres.

— Estão ceando ainda — disse Pavia a meia-voz.

Algum tempo passou. Fez-se então no interior da casa o ruído de cadeiras arrastadas e de pessoas caminhando.

— Levantaram-se da mesa — murmurou Pavia.

Ao ruído, seguiu-se o mais completo silêncio. Uma claridade brilhou no buraco da fechadura, denunciando que alguém acendera luz na sala.

— O homem não se esqueceu... Não deve tardar em abrir a porta.

Enquanto assim pensava o nosso Pavia, sentiu-se como que um mover de ferrolhos pela parte inferior da porta.

E a porta abriu-se.

Capítulo III

Entre os portais desenhou-se a figura encarquilhada do velho que o leitor conhece, arrimado ao seu bastão, como uma ruína à sua escora.

— Já está por aqui? — exclamou ele.

— Já aqui estou, sr. Januário... Não sou sujeito de faltar às horas, nem aos compromissos...

— Entre, entre, sr. Pavia...

Pavia entrou e, amparando o velho, foi com ele tomar lugar num sofá decrépito, que espreguiçava a sua idade e as suas palhas arreventadas ao longo de uma das paredes da sala.

Pavia rompeu a conversa:

— Estamos bem aqui?...

O velho compreendeu.

— Estamos - disse. — A família toda está-se acomodando lá fora para os fundos... Foram deitar-se... Eu, que durmo aí nessa alcova próxima, posso ficar na sala sem causar-lhes estranheza... Podemos conversar... Um pouco baixinho... por prudência...

— Diga-me... o que conseguiu?

— Tudo.

— Então ela vai?

— Está morta por ir...

— Bem lhe disse eu que, quando você falasse na amizade de Claudina e em passar alguns dias com a minha mulher, ela não se recusaria...

— Ah! os planos do sr. Pavia são sempre bem feitos...

— A Conceição di-lo-á daqui a dias...

O vento da noite barafustava pela porta e lambia as paredes da sala, fazendo estalitar alegremente as flâmulas de papel pendentes. O fogo da vela que clareava o lugar, agitava-se impaciente ao redor do pavier, dando uma luz incerta...

— A menina — continuava Pavia — vai ser recebida na palma das mãos; vai dormir num gabinete azul, todo cheio de cortinas transparentes, no meio de perfumes que provocam sonhos... Ao amanhecer, será visitada por minha mulher ou minha filha... Será vestida como uma boneca, penteada como uma rainha... Sairá a passeio e tal... E o fim há de chegar insensivelmente...

— Uma pergunta... se não é ousadia... — disse receosamente Januário — mas o senhor desculpará... Sabe que eu quero bem à minha afilhada...

— O que deseja saber?...

— O sr. duque...

— Que tem o sr. duque?

— É... é...

— É o quê?...

— ... muito violento...

— Pelo contrário, é macio como pelica... É um pouco ardente talvez, mas isso é quando já não há necessidade do contrário... O homem sabe insinuar-se.

— Olha que a Conceição é viva como cobra... e ele...

— Não se arreceie... ninguém resiste facilmente ao sr. duque... Ele tem um olhar que penetra e imobiliza... Não fala muito... Fitando, ele faz mais do que falando... As crianças são tímidas em geral... E a Conceiçãozinha é um pouco criança ainda...

— Bem... eu faço o negócio com o senhor... não sei se é coisa limpa... mas desde que à menina não resulte mal...

— Deixa de partes, meu velho... vamos concluindo a coisa... Aqui tem o cobre...

O vento continuava a penetrar na sala, e as flâmulas de papel riam com risadinhas de Mefistófeles.

Januário estendeu a mão magra, comprida, branca, trêmula, e recebeu um embrulho de papel que Pavia apresentou-lhe. Não disse palavra. Misturou apenas aos sulcos que os anos lhe haviam aberto na face as contrações de um sorriso baixo.

— Veja se amanhã mesmo faz a Conceição aparecer por lá...

— Já estava convencido com ela... Há de ir...

— Apesar de tudo?...

— Apesar de coisa nenhuma... Quando conversamos, outro dia, sobre este negócio, eu disse ao senhor que não havia obstáculo...

— Talvez haja...

— Que obstáculo?... Não vejo...

— A sua nora...

— Ah! ah! Aquela idiota?!

— Idiota?!... Você é muito velho, não é muito vivo... Não sabe quem é aquela santinha de cara chupada e olhos de irmã de caridade.

— Eu sei que ela tem seu gênio; mas não usa dele... No tempo do marido, ela às vezes tinha seus arrebatamentos... Depois, tornou-se completamente mansa. Aquele ar tristonho, que cobre-lhe a fisionomia desde o casamento de meu filho, isto é, desde que eu a conheço, não se modifica mais com as iras que lhe conheci há tempos... Atualmente está branda, branda como uma idiota...

— Mau sinal...

— Por quê?...

— Tenho medo das mulheres tristes...

— Qual! a minha nora é mais idiota do que triste...

— Portanto a menina não falta...

— Não falta. O sr. duque não terá o desgosto de ver perdida uma esperança do seu coração...

— Seria a primeira...

— Não será... pode o senhor ficar sossegado...

— Perfeitamente... Vou tranqüilo...

Continuava o riso mefistofélico das flâmulas de papel. E Pavia levantou-se. Foi até junto da vela, consultou o relógio. Eram onze horas mais ou menos.

— Ainda é cedo, murmurou.

E, voltando-se para Januário, que se erguera depois dele, disse-lhe:

— Até outra vez. Boa-noite.

O velho respondeu ao cumprimento, e viu-o mergulhar na escuridão do beco.

Não havia ainda fechado a porta, quando sentiu-se agarrado freneticamente pela gola do paletó:

— Miserável! — dizia a voz de uma mulher.

Essa voz tinha uma energia selvagem, e era ao mesmo tempo comprimida na garganta de quem falava.

Januário sentiu o pescoço ferido pelas unhas de quem o prendia. Puxaram-no. Ele perdeu o equilíbrio. Tentando agrarrar-se à parede, abriu as mãos. A bengala escapou-lhe e caiu no soalho, ressoando longamente pelos cantos da casa o rumor da queda. As mãos não encontraram saliência na parede, a que se agarrassem. Foi lançado ao chão. Arrastaram-no...

Quando o desgraçado pôde respirar, viu-se frente a frente com a nora.

A terrível mulher o levava de rastos até uma cadeira, e ficara em pé diante dele.

— Miserável... eu vi o que acabaste de fazer.
— Emília!... Emília!...
— Velho bandalho! Patife que estás apodrecendo debaixo desses cabelos brancos... Ainda cometer crimes... Não te enforco...
— Emília!
— ... não te sufoco entre os meus dedos, porque Deus te vai afogar em breve na lama de uma vala...
Quantas vezes vendestes tuas filhas?... Quanto recebeu-te o negócio, velho desavergonhado?... Pois não repetirás o comércio!... O que fizestes aos teus não farás aos dos outros. Tinhas o direito de vender o teu; não venderás o alheio!...
A nora de Januário falava com os punhos cerrados, perto da cara do velho. As palavras saíam-lhe dos lábios faiscantes e caíam chiando sobre a cabeça do sogro...
— Escute-me, Emília! — balbuciava ele. — Escute-me!
Mas Emília estava surda de ira.
Apenas vestindo uma saia curta e uma camisa larga, que lhe fugia pelos seios abaixo; cabelos soltos, caindo-lhe secos pelos olhos e pelas costas; braços nus, clavículas à mostra, em toda a fealdade da magreza e da tensão dos músculos, aquela mulher fazia medo. Os impropérios ferviam-lhe na garganta e elas os soltava sobre Januário.
O velho estava aturdido.
A atitude repentina e inesperada da nora fazia-lhe o efeito de muitas cacetadas ao mesmo tempo.
Felizmente, a falta de resistência acalmou um pouco os furores de Emília.
— Eu ouvi daquela alcova a negociação que fizeste com o outro infame, aquele demônio barbado...
Eu já esperava por essa entrevista. Contava com a fatalidade. Cá, na quinta, corre tudo como num matadouro: cada vitela tem o seu dia de ver o machado sobre a nuca!... Tu não tiveste, miserável, um pouco de coração, nem um pouco de vergonha... foste fazendo o negócio...
— É para o teu filho mesmo, Emília... o meu neto...
— Não digas... não digas... Meu filho não precisa do preço de torpezas. Dá-me esse dinheiro, dá-me, desgraçado... quero queimá-lo naquela chama... Estás ouvindo? Este dinheiro nunca será para meu filho!
Januário apertava involuntariamente contra o peito o dinheiro que recebera de Pavia e metera no bolso.
— Não mo dás? — vociferava Emília. — Guarda para tua avareza. Come-o!... Quem vai perder é aquele demônio que saiu daqui... Minha... minha Conceição não entrará em casa dele!... Come o dinheiro, se quiseres...
E, bruscamente, da mesma maneira por que entrara, Emília retirou-se da sala.

Capítulo IV

No meio do populoso arrabalde de Santo Cristo, abre-se uma espaçosa superfície de terreno coberta de arvoredos e de grama, arrebicada de quantos prodígios possui a arte e quantos esplendores a natureza pode ostentar.

Há por aí florestas escuras por onde circulam virações perfumadas, ricas de oxigênio e de poesia; avenidas de bambus por onde fogem amores e murmúrios suaves de folhagens; cascatas e grutas que têm por lambrequins os volumosos cones estalactíticos e por telhado zimbórios de pedra e incrustações de cimento; a água corre com a serenidade dos sonhos gostosos e vai insensivelmente passando por sob o arqueado das pontes.

O sol brinca como um menino nesses lugares. Recreia-se brejeiramente no alto do arvoredos, requeimando os brotos novos, e escorrega para o chão a dar cintilações coloridas aos bichinhos e a aquecer os camaleões vivazes e ariscos.

Se atira-se aos lagos, cobre-os de palhetas de luz; se passa pela pulverização da chuva das cascatas, pinta arco-íris no ar e leva o dia na faina.

À noite... se não há lua, uma treva compacta, cheia de aromas acres, penetra os balcados e derrama-se pelos declives relvosos que se vão espalhando para a beira dos lagos; formam-se pirâmides sombrias no lugar das casuarinas e dos eucaliptos; avolumam-se negros maciços nos bosquetes de mangueiras e nos cerrados de bambus. Todas essas negruras, entretanto, têm vida. Quem alongar a vista pelas várzeas, distinguirá sombras deslizando em segredo através da noite. Quem escutar a voz das lezírias ao pé dos

agrupamentos de árvores há de perceber palavras que voam deliciosamente por entre as begônias.

Dos antros trevosos das grutas escavadas na pedra não partem rugidos dos monstros apocalípticos das cavernas. De lá do fundo sobem ruídos semelhantes aos da bolha de ar rebentando a flor das águas; parece estar-se ouvindo o rumorejar de beijos. São umas trevas encantadoras aquelas das noites sem lua, nessas paragens.

Se vem o luar... tudo se multiplica. Em vez de negres, flutua pelo espaço toda a transpiração da terra banhada de fosforescências argentinas. A meia-luz deleitosa invade os recantos do jardim; passa devagarinho como uma nuvem de sílfides por meio dos fustes das palmeiras, voa por cima dos gramados, levando no vôo todas as borboletas notívagas; estende as roupagens alvacentas por entre os renques de coqueiros; balança indolências nos liames de cipó recurvado em festões; entra nos riachos e mostra aos céus a sua nudez casta e branca.

A floresta goza uns estremecimentos sensuais, que passam-se em silêncio como o adejar das corujas. Os poucos lampiões que se acendem por aí parecem olhos fitando com inveja os poemas vivos que correm de todos os lados...

Também como nas noites escuras, estas noites claras do parque não são vazias nem ermas. As ruas areentas, desenroladas como alvos tapetes através do campo, não estão desertas. Há casais passeando, com os olhos pregados no céu e os braços em amplexo; as sedas roçam as casimiras, produzindo choques magnéticos da electricidade de Cupido.

Nos bancos, escondidos, à sombra recôndita de qualquer copa frondosa, repetem-se episódios do paraíso.

A vida real desses lugares é verdadeiramente à noite. Os dias se passam, radiosos, iriados, entregues ao sol e aos insetos; as noites correm no meio da escuridão ou dos luars, entregues a Vênus e ao silêncio.

No âmago desse jardim vasto e delicioso levanta-se sobre um oiteiro, como um templo antigo, o vulto monumental de um palácio. A luz das auroras despedaça-se de encontro aos vidros de suas mil janelas, envolvendo-o pela manhã numa atmosfera rutilante; os seus torreões empinam-se vitoriosos no cimo de largas muralhas alastradas de heras, os seus pára-raios vão espetar as nuvens como lanças enristadas para o infinito; o seu todo é grande, imponente, majestático.

Muitas vezes, à noite, o palácio toma uma fisionomia fantástica; ostenta as paredes de trevas e janelas de fogo. Supõe-se que seja um incêndio. É um baile. Ao clarão de mil bicos de lustres rodam nas valsas reputações e galanteios, marcham nas quadrilhas temeridades e finanças...

Aí não mora Sardanapalo.

Esse parque e esse palácio pertencem ao duque de Bragantina. O duque cede esses domínios aos prazeres da numerosa roda de fidalguia que o cerca a todo instante.

É por isso que, quando o duque de Bragantina está ausente, esmorece completamente a febre silenciosa e fecunda das noites da quinta. Faltam os fidalgos.

Aos fundos do palácio, para a banda do norte, como sabe o leitor, ficam as habitações da vassalagem imediata do duque. Aí é que mora, pois, o velho Januário e sua gente.

Deixando a casa de Januário, Manuel de Pavia encaminhou-se para as proximidades do palácio do duque. Não caminhava à toa. Seguia devagar, mas com um destino certo.

Acompanhou a espécie de estrada margeada de espaçados lampiões, que vai dar a um dos portões da quinta, junto do qual está o famoso retiro reservado à jovem afillhada de Januário, mas, antes de lá chegar, dobrou para a direita e em linha reta para o palácio.

Na linha dos muros que guarnecem a colina sobre a qual foi construído o edifício, o excursionário noturno parou.

Examinou o lugar e murmurou:

— Não há ninguém... Mas é muito cedo... Ele não pode ter chegado... Também não há pressa...

Pôs-se então a passear ao longo dos muros, muito preocupado com ocultar-se na sombra que a elevação deles espalhava por volta.

Por fim sentiu passos. As estrelas davam luz bastante para se ver o necessário. Pavia distinguiu o vulto de um homem que se avizinhava.

Um vago sentimento de temor estremeceu-lhe o sistema nervoso. Aquele vulto não podia ser *ele*.

Se não fosse ele, se fosse um inimigo, se Inácio o tivesse traído?... Aquele vulto podia ser o espantinho de sua fortuna. A riqueza fabulosa, que ali de cima mesmo, daquelas janelas, parecia sorrir-lhe nos reflexos luminosos das vidraças que dominavam o muro, ia talvez fugir-lhe por causa daquele homem...

Manuel de Pavia, que não era suscetível de medrosas palpitações, ao menos dentro dos limites da

quinta, sentia que o coração abria-se-lhe em violentos diástoles...

- Aqui estou — disse o vulto a pouca distância.
- Oh, Inácio! — disse Pavia.

Capítulo V

Era, de fato, Inácio, o criado do duque, que o leitor viu no princípio desta narrativa a conversar com Manuel de Pavia. O inescrupuloso arranjador do negócio da Conceição conversara longamente com Inácio a respeito de umas jóias do duque de Brangantina. A primeira das conseqüências dessa entrevista era o encontro alta noite, à base dos muros que protegem o torreão do lance esquerdo do palácio.

No ponto marcado, encontravam-se os dois.

Antes de darmos conta ao leitor do que se passou em seguida ao encontro no lugar marcado, devemos informá-lo de uma circunstância de alta monta.

Na rua, n.º ... há uma grande loja de ourivesaria. Três grandes vitrinas de cristal abrem-se para o público, apresentando o mais ofuscante e precioso conjunto de ouro e pedrarias que se pode imaginar. Sobre luxuosos lençóis de veludo de carregadas cores, amontoam-se incríveis porções de esmeraldas, sem engaste, rubis, safiras, diamantes espalhados como se fossem grãos de milho, mostrando com orgulho as mais delicadas clivagens e as mais finas cintilações prismáticas que a imaginação concebe.

No interior da loja, luzem pelas prateleiras os mais belos produtos de ourivesaria, jóias de um valor inapreciável, fabulosas pratarias...

O dono desse Eldorado é um negociante forte.

Disfarçada, a um dos ângulos da loja, entre dois belos armários de madeira preta recortada em flores, e luzidamente lustrada, existe uma pequena porta que apresenta à vista o aspecto de um espelho encostado à parede. Entra-se por aí para os compartimentos íntimos da loja. Logo depois da porta, encontra-se um pequeno escritório, biombo de madeira em volta, mobiliado por uma escrivaninha, algumas cadeiras e uma grande burra sólida, pesada e impenetrável como um monólito egípciano.

Coa-se para esse lugar a claridade de uma área próxima. A essa luz frouxa escreve o guarda-livros da casa, agente de quase todos os negócios do proprietário do estabelecimento e, nesse caráter, homem da mais provada confiança para o ourives.

Enquanto este, trajando como um *gentleman*, saboreia preciosos charutos no meio dos lúcidos efeitos das mercadorias do seu aristocrático negócio, indolentemente arrimando os cotovelos aos caixilhos envernizados dos mostradores, ou ao tapete escovado dos balcões, crivando de moderados apartes a conversação entusiasta do grupo de políticos seus amigos, que vêm todos os dias palestrar-lhe às soleiras... no escritório por trás da porta de espelho, o guarda-livros entabula as suas negociações.

Este empregado é um sujeito prático, inteligente, fino e, além de tudo, tem um curso bem acabado de mineralogia. É de pequena estatura, nervoso, tendências dominadoras, voz enérgica, linguagem rápida, acompanhada de sons guturais, irônicos, significativos. É feio de cara. Nariz fino, olhos pequenos e espertos, pouca barba. Tipo, fuinha; espírito, raposa. Chama-se Aleixo de tal.

Em noite de 11 de março de 18... duas conversas importantíssimas travaram-se na grande ourivesaria.

Junto dos mostradores a balava-se a golpe de alevantada retórica o ministério do tempo. Muitas vezes estremeceram de susto os castiçais de prata e as badejas, os tinteiros de ouro, as medalhas com as iniciais de brilhantes, as pulseiras, os colares, os brincos, as abotoaduras, as alegres fantasias... Eram os murros da eloquência dos políticos esborrachados sobre o balcão, por não poderem chegar à cara de qualquer ministro ou chefe de partido contrário ao do orador.

Os circunstantes ou riam estrondosamente daquela energia caricata, ou protestavam contra as asserções que se faziam.

No escritório do sr. Aleixo havia coisa mais interessante. Conversava-se com tanto fogo como na loja; porém as palavras não faziam estrepito.

A pouca distância da escrivaninha, Aleixo prestava atenção ao que dizia um sujeito moreno muito barbado de óculos azuis. O bico de luz que alumia o escritório deixa-nos reconhecer o sujeito. É o nosso Manuel Pavia, ligeiramente disfarçado. Ouçamos o que ele diz:

—... Assim, vê o senhor que não haverá dificuldade... Não há muito risco para mim em levar a cabo a empresa e nenhum para o senhor em prestar-me um serviço que lhe dará tanto lucro.

Fez-se uma pausa, durante a qual se ouviu uma gargalhada sonora dos políticos que discutiam na loja. Depois Aleixo começou:

— Disse-me o senhor que conta absolutamente com o auxílio de um criado que reside no palácio... o duque vai ao baile, dorme, como costuma, no palacete do marquês, vai depois, sem voltar ao palácio, para a quinta de verão de Anatópolis. A duquesa acompanha-o, sem levar, necessariamente, as jóias com que se apresentará no baile... ficam as condecorações do duque, etc... Toda essa riqueza vai provisoriamente para um armário antes de ser guardada definitivamente na burra... muito bem... sabe que o particular do duque pretende aproveitar a ausência deste para estar algum tempo com a família, que não mora na quinta... não é assim?...

— Sim, senhor.

— E o senhor aproveita-se da ausência dele... Acha fácil a coisa... Mas ainda não refletiu nas averiguações que há de fazer a polícia...

— Já pensei, já pensei...

— Olhe que o negócio não é o mesmo daquelas jóias que filaste à Milica, quando ela perdeu as graças do duque e foi para a rua...

— Isso sei eu melhor do que o senhor — interrompeu Pavia, movendo o queixo num gesto nervoso e impaciente. — Por isso, o senhor há de dar desta vez mais alguma coisa pelas pedras do que deu pelas de Milica...

— Não seja esta a dúvida... a coisa é a polícia... a polícia.

— Não morra de temores da polícia. Asseguro-lhe que ela não fará coisa alguma... Se aparecer, perderá seu tempo. Ficará nas interrogativas. Terá suspeitas apenas... Suspeitará de mim como suspeitará de vários outros... mas suspeita nunca foi base para uma condenação...

— Mas a casa que o senhor alugou na Tijuca é um indício...

— Como?... Se eu não me retiro da quinta?! Conservo-me nas mãos da polícia até que ela se convença da minha inocência?!... Quem será capaz de imaginar que as jóias roubadas estão em casa de tal ourives... aqui em sua casa... Se alguém tivesse reparado na minha entrada hoje aqui, e alguém notar a minha saída, se as minhas barbas tivessem a mesma cor das que eu trago, se estes óculos azuis fossem de meu uso... seriam indicações possíveis à polícia, caso ela desconfiasse deste estabelecimento... o que fora loucura!... Mas felizmente...

— Certamente tudo é favorável. Todavia, que lhe garante que não haverá testemunhas no jardim do palácio?

— Isto é um caso possível, mas não é provável... Quando o duque está fora... a quinta é pouco freqüentada... Os que lá moram, recolhem-se todos e abandonam o parque... não é provável... E se não houver testemunhas, se não se encontrarem vestígios dos objetos subtraídos, o que se há de fazer?

— É fato...

— Demais, eu estou convencido de que, se, apesar de todas as minhas precauções, a coisa transparecer, terei por mim o duque, que não quer perder-me e aprecia-me... A tal duquesa vota-me um ódio de morte... Talvez se lembre de acusar-me, mas é uma velhinha que não tem voz ativa na casa... Tem-me ódio, por ter ciúmes do marido.

O guarda-livros aplaudiu com a sua risadinha habitual e observou:

— Na verdade, se o senhor conta com a proteção infalível da sua própria vítima, eu sou o primeiro a responder pelos resultados da empresa...

— Deixe a coisa andar..

— Até desejo muito a sua felicidade, porque não sei se se lembra de umas jóias que nos levou daqui, há dias, para uma nova menina que andava em vésperas...

— Lembro-me. Ainda não as paguei, mas pago. Aí está... Do dinheiro que o senhor me der, eu desconto...

— É exatamente o que queremos... é o que nos convém...

— Deixe a coisa andar... — brejeirou Pavia.

— E há de andar como um patim, estou certo...

— Mande, pois, uma pessoa de confiança, ou vá pessoalmente, na noite de 13 para 14, esperar pelo resultado da minha campanha e pelas jóias...

— Hei de ir eu mesmo...

— Acho melhor assim... Não devemos envolver muita gente... nem todos são discretos, e... não há também... tanta riqueza que chegue para muitos... nada!... Se fosse possível irmos só, os dois... dispensando auxílio de criados...

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

